

## **O DIÁLOGO ENTRE A TEORIA ACADÊMICA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.<sup>1</sup>**

**Ivan Carlos Bagnara<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa em fase de desenvolvimento no curso de Doutorado em Educação nas Ciências da UNIJUI, orientado pelo prof. Dr. Paulo Evaldo Fensterseifer.

<sup>2</sup> Discente do Programa de Doutorado em Educação nas Ciências - UNIJUI. Bolsista PROSUP/CAPES.

### **1. Introdução**

Estamos vivendo um novo milênio e as discussões acerca da educação escolar, por óbvio, continuam. No caso da Educação Física (EF) não é diferente, a não ser o agravante de que, esta, hoje disciplina, mais esteve na escola do que foi da escola.

Historicamente a disciplina de EF tem sido tratada pelo senso comum - e neste momento somos obrigados a dizer que por alguns professores da área - como algo meramente prático seja qual for o contexto em que se apresente. E, quando a levamos para dentro da escola, essa premissa se acentua. Porém, acreditamos que a EF não pode continuar se apoiando somente na sua “praticidade” para justificar sua inclusão no currículo escolar. Ela tem a obrigação de ir além. Ela precisa ir além.

Tal situação evidencia algo que nos preocupa e nos motiva a problematizar esse tema. Sendo assim, este ensaio tem como objetivo central refletir sobre a relação/diálogo (ou até mesmo a falta deles) entre a teoria acadêmica e o trabalho docente no “chão da escola” (prática pedagógica). Para nós, torna-se iminente a discussão envolvendo os principais fatores que muitas vezes dificultam o desenvolvimento da EF escolar enquanto componente curricular. Não estamos nos referindo somente à disciplina propriamente dita, quando a teoria geralmente é negligenciada em prol das atividades práticas. Nos referimos sim, às teorias de abordagens, teorias didáticas e teorias pedagógicas que poderiam ser utilizadas no momento de pensar e implementar a disciplina de EF como componente curricular na escola.

### **2. Metodologia**

Este ensaio se caracteriza como um estudo bibliográfico.

### **3. Resultados e Discussão**

Na perspectiva da relação teoria e prática na EF escolar, Fensterseifer e González (2007) afirmam que certamente estamos diante de um tema fundamental para compreender os desafios da EF contemporânea (em especial no campo escolar). Trata-se da difícil e incontornável problemática da relação teoria-prática, a qual tende a aparecer de forma dicotômica, como paralelas que não se

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

encontram em lugar nenhum do espaço ou revezando-se em hierarquias ao gosto de modismos próprios ao campo educacional. Raramente são tratadas na complexidade que é constitutiva das produções humanas, entre elas, as relações teórico-metodológicas, ou didático-pedagógicas.

Dessa forma questionamos: quais são as dificuldades que temos em pensar e desenvolver a EF escolar tomando-a como um componente curricular? Quais as possibilidades de aproximação, diálogo e interação entre a EF que se pratica e a que se teoriza na academia/literatura específica? Em que nível se encontram as (a falta de) relações entre a teoria e a prática da EF no contexto escolar? Como configurar as teorias pedagógicas na prática docente? Respostas a essas perguntas são urgentes e poderiam esclarecer e incrementar as ações pedagógicas no que tange à EF como componente curricular.

Tais questionamentos nos levam a refletir sobre a relação, ou falta de relação entre a teoria acadêmica e a prática pedagógica como uma das variáveis que contribuem para que a EF não se afirme como uma disciplina, convivendo com aulas sem um sentido articulado com os propósitos de uma escola republicana, permanecendo descontextualizadas e descontinuas. Pensamos também em como desenvolvê-la cotidianamente para que possamos sair do campo da improvisação e adentrar no campo do planejamento. Não que existam garantias de que unindo teoria e prática o êxito esteja garantido, porém, acreditamos num salto de qualidade quando o contexto teórico, principalmente das abordagens pedagógicas e dos aspectos didáticos, constituírem a base para o desenvolvimento das aulas de EF nas escolas.

Caparroz e Bracht afirmam se deparar com frequência cada vez maior com depoimentos e questionamentos de professores de EF sobre como realizar e organizar o trabalho docente na escola. Citam a fala de uma ex-aluna do curso de EF da UFES quando na aprovação de concurso público, que afirmava que sabia “tudo o que caiu no concurso, em relação às abordagens, mas não como concretizar isso na prática pedagógica na escola” (2007, p. 22).

Barbosa (2001) afirma que durante os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio, o aluno tem aulas de EF, e, ao final de todos esses anos, tem a triste constatação de que pouco aprendeu sobre ela. Ou seja, vários anos estudando EF sem que seja trabalhado um mínimo de autonomia do aluno.

Quando temos como intenção tratar a EF escolar como componente curricular precisamos entender que a mesma deveria estar passando por um processo de transformação em sua forma de implementação.

Nesta perspectiva, o Caderno Pedagógico da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias de 5ª série (6º ano atualmente) do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, livro do professor, na disciplina de EF, de autoria de Fraga e González (2009) traz como incumbência da EF escolar desenvolver competências que levem os alunos a, por exemplo, compreenderem os jogos motores como manifestações culturais produzidas pelos grupos sociais em certos períodos históricos; a lerem os esportes com base nos critérios de lógica interna e externa; a produzirem textos de “carne e osso” e “caneta e lápis” sobre as relações possíveis entre esporte, saúde e educação; a proporem alternativas para o desenvolvimento de práticas corporais no tempo livre que privilegiem a

participação de todos, entre tantas outras possibilidades de ler, escrever e resolver problemas no âmbito da EF.

Analisando a referida citação questionamos: os professores licenciados em EF que estão atuando diariamente no “chão da escola” possuem subsídios teóricos, didáticos, pedagógicos e metodológicos para desenvolver as competências exemplificadas? Não estamos criticando as competências sugeridas para os alunos, pelo contrário, estamos questionando neste momento tanto a formação inicial quanto a formação continuada (afinal, alguns professores são formados há décadas), já que os professores atualmente podem não possuir bases didático-metodológicas, pedagógicas e até mesmo teóricas para desenvolver o sugerido pelo documento. Ainda, neste momento cabe outra questão: onde realmente reside o problema dessa dicotomia? Outra questão momentaneamente sem resposta.

Com relação ao tema central da discussão deste tópico, que trata de certa forma, da ruptura do tradicionalismo da EF escolar, que concebe a prática como a maior, senão a única ferramenta válida no campo da EF, González e Fensterseifer (2009) afirmam que essa ruptura com a tradição, do que podemos denominar de o “exercitar para”, colocou à EF (é bom lembrar: a seus protagonistas) a necessidade de reinventar o seu espaço na escola, agora com o caráter de uma disciplina escolar. EF na forma de um componente curricular, responsável por um conhecimento específico (inclusive conceitual), subordinado a funções sociais de uma escola republicana, comprometida com a necessidade que as novas gerações têm de conhecimentos capazes de potencializá-los para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Continuam os mesmos autores, “na nossa compreensão a EF se encontra entre o não mais e o ainda não”, ou seja, “entre uma prática docente na qual não se acredita mais, e outra que ainda se tem dificuldades de pensar e desenvolver” (2009, p. 12). Concordamos com a afirmação de González e Fensterseifer (2010), pois realmente temos trabalhado com a noção de que a EF, tradicionalmente e atualmente, pouco tem sido pensada dentro de um projeto educacional pautado pela ideia da “leitura do mundo”. Diversos estudos nessa área têm revelado que originalmente a EF entra na escola com o claro propósito de preparação do corpo e/ou, por meio do corpo, preparar o caráter. Ainda tem mantido um sentido periférico e autônomo com respeito aos projetos escolares, atendendo, geralmente, a interesses de outras instituições. Longe, assim, do que podemos considerar um componente curricular no sentido de matéria escolar.

Partilhando da ideia de componente curricular para a EF, muitas Secretarias de Estado e Municípios em períodos pós PCN's tem desenvolvido e difundido Referencias Curriculares, como aqui já citado o do Estado do Rio Grande do Sul. Porém, pouco podemos afirmar da efetividade de tal referencial devido ao pouco tempo de sua “possível difusão” nas escolas gaúchas.

Rocha e Daolio (2013) em estudo desenvolvido na cidade de São Paulo tomando como ponto de partida a utilização dos Referencias Curriculares daquele Estado publicado em 2008 e que tem como objetivo nortear a prática pedagógica dos professores de EF afirmam que verificou-se que os professores reconhecem pontos positivos no referencial curricular adotado pela rede estadual, mas, ao mesmo tempo, apontam a necessidade de fazer certas adequações para que os conteúdos sejam

desenvolvidos. Também criticam a falta de capacitações para alguns conteúdos pouco tradicionais nas aulas. Percebemos nesse caso o que realmente ocorre na maioria das situações envolvendo a Educação e EF: primeiramente são desenvolvidos os documentos/normas para depois, ocasionalmente pensar em formações para que os professores possam realmente entender e desenvolver o sugerido por tais normativas.

Especulamos neste momento, que os organizadores das normas, documentos, referenciais, enfim, possam imaginar que os professores já possuam a capacitação suficiente para desenvolver as novas metodologias sugeridas, e, devido a isso, corriqueiramente não realizam de pronto projetos de formações. O afirmado por nós não tem subsídios atualmente para sair do campo especulativo e vai ao encontro do já difundido preceito trazido por Fensterseifer (2013, p. 124): “os professores são péssimos aplicadores de projetos pensados pelos outros”.

No que tange aos professores de EF, em determinados momentos poderíamos concordar com Rezer (2013) quando problematiza a questão do “conhecido”. Podemos pensar que já conhecemos o suficiente do que ainda deve ser conhecido (neste caso a EF escolar enquanto componente curricular). O que é conhecido geralmente é habitual, e o habitual é o mais difícil de ver como problema. Dessa forma poderíamos levantar mais questões: os professores de EF escolar realmente sabem que poderiam estar desenvolvendo uma prática descontextualizada com os objetivos educacionais contidos nos marcos legais que legitima a EF como componente curricular? Ou, por acreditarem que já possuem o conhecimento suficiente de esportes/EF e de como ensiná-los para os alunos (já que poderiam fazer a mesma coisa há décadas) não necessitam repensar suas práticas? Ainda, será que muitos desses professores se deram conta do que realmente está acontecendo ou seriam realmente “ignorantes dessa nova fase da EF”? Mais perguntas, menos respostas, novamente.

### 3. Conclusões

Como conclusões preliminares deste ensaio apontamos que existe uma necessidade de readequação do currículo e da forma de abordagem do ensino na formação superior em EF. Acreditamos que dentro do meio acadêmico a maior parte das disciplinas curriculares dedicam-se ao ensino mecânico, fragmentado e técnico, ou seja, caminhando em sentido contrário ao proposto pela literatura atual e a própria legislação educacional que concebe a EF como componente curricular na escola. A maior parte das disciplinas da grade curricular da licenciatura está em uma direção, enquanto que, apenas poucos componentes curriculares poderiam buscar “problematizar” e justificar a importância da EF como prática educativa e como componente curricular.

Ainda, além de serem poucos os componentes curriculares destinados à problematização da prática pedagógica, a forma como os mesmos são concebidos por seus docentes no ensino superior parece não estar surtindo os efeitos necessários para transformar de vez a EF escolar em um componente curricular “de fato”. Parece-nos que a formação superior em EF não está conseguindo proporcionar as mudanças necessárias na forma de concepção da EF escolar. Temos a real impressão que os acadêmicos ingressam nos cursos superiores em EF com certa concepção (tecnicista, esportivista e

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

mecanizada, até mesmo por ter vivenciado isso durante a Educação Básica) e esta acaba prevalecendo no decorrer do curso e conseqüentemente na prática pedagógica pós formação. Isso acaba por não proporcionar o salto de qualidade que a EF escolar está necessitando urgentemente para ser legitimada como um componente curricular numa sociedade dinâmica, complexa e plural.

Não estamos propondo transformar a EF num componente meramente teórico, mas, sim, mesclar a teoria com a prática, — teoria não somente para ensinar as regras e histórico dos esportes, mas para, discutir os problemas sociais que podem ser entendidos através do esporte ou dentre outras possibilidades da cultura corporal de movimento, e apresentar tais possibilidades durante as atividades práticas.

Percebemos que a literatura específica da EF aborda uma forma de aplicabilidade para a mesma no âmbito escolar, e, na prática, temos observado que o sugerido não ocorre. Parece-nos que há um distanciamento, e em determinados contextos até mesmo um abismo entre o que se fala/pensa estar fazendo e entre o que realmente se faz; entre o que as literaturas atuais sugerem e o que é efetivado na prática escolar.

Finalizamos este ensaio parafraseando Fensterseifer, ao dizer que “a palavra de ordem é: a EF precisa sair da crise” (2001, p. 31-32). Logo, quem são as pessoas mais indicadas neste momento para “acabar” com a crise ou até mesmo propor novas crises dentro da EF escolar? Acreditamos que todos os envolvidos com a educação, cabendo papel de destaque aos professores da área. Como? Mais uma vez não sabemos, mas desconfiamos que o enfrentamento com a “incontornável” relação teoria-prática, seja tema prioritário.

Palavras-chaves: Formação; Atuação docente; Educação Física.

#### Agradecimentos

Ao Programa de Pós graduação em Educação nas Ciências, ao Prosup/Capes pelo financiamento e ao prof. Dr. Paulo Evaldo Fensterseifer pela orientação.

#### Referências

BARBOSA, Cláudio Luís de Alvarenga. Educação física Escolar: as representações sociais. Rio de Janeiro. Shape, 2001.

CAPARROZ, Eduardo Francisco; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da Educação física. Campinas, SP. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. V. 28, nº. 2, p. 21 – 37, 2007.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. A educação física na crise da Modernidade. Ijuí: Unijuí, 2001.

\_\_\_\_\_. Função da Escola Pública. In: SANTIAGO, Anna Rosa Fontella; FEIL, Iselda Teresinha Saundes; ALLEBRANDT, Lídia Inês. O curso de Pedagogia da UNIJUI – 55 anos. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2013, p. 123 – 147.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ; Fernando Jaime. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: a difícil e incontornável relação teoria e prática. UFSC. Florianópolis, SC. Revista Motrivivência: ano XIX, nº. 28, p. 27-37, 2007.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do “não-lugar da Educação Física escolar I. Cadernos de Formação RBCE, 2009: p. 9-24.

\_\_\_\_\_. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do “não-lugar da Educação Física escolar II. Cadernos de Formação RBCE, 2010: p. 10-21.

REZER, Ricardo. Formação inicial em Educação física para quê? Anais do XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conice). Brasília, DF, 2013.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO. Lições do Rio Grande: livro do professor. SE/DP: Porto Alegre, 2009.

ROCHA, Robinson Luiz Franco da; DAOLIO, Jocimar. A prática pedagógica de Educação Física no currículo de São Paulo. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conice). Brasília, DF, 2013.